

A Periferia de Silves na Véspera da Reconquista

A Intervenção Arqueológica do “Empreendimento do Castelo” em Silves

José Costa dos Santos
Paula Barreira Abranches

Arqueólogos

Introdução

A intervenção arqueológica, cujos resultados preliminares ora apresentamos, foram motivados pela construção de um complexo habitacional denominado “*Empreendimento do Castelo*”, no local onde outrora se construíram alguns armazéns pertença do conjunto industrial conhecido por “*Fábrica do Inglês*”, localizado no gaveto das Ruas Cândido dos Reis e 1º de Maio, na Cidade de Silves. De acordo com o parecer do IPA, Instituto Português de Arqueologia, enviado ao Município de Silves a propósito do licenciamento da obra, o promotor e dono da mesma, “*Benténicas, Projectos e Construção Civil, Lda.*”, contratou a empresa “*Archeo’Estudos, Investigação Arqueológica, Lda.*” com a finalidade de realizar sondagens de diagnóstico na área afectada pela construção.



Trabalho de Campo

A primeira fase da intervenção arqueológica consistiu na abertura de 21 sondagens, com localização aleatória mas de forma a permitir ampla cobertura do espaço afectado pela construção. Esta fase decorreu sob a direcção das arqueólogas, Cláudia Maria Cardoso Duarte (direcção de campo) e de Paula Barreira Abranches. Os resultados alcançados, traduziram-se na identificação de uma área residencial (Duarte e Abranches, 2005, p.10) onde pontificavam estruturas habitacionais com aparelhos e materiais de construção homogéneos, alinhamentos sub-rectilíneos dispostos perpendicularmente e com esquinas em ângulo recto (Duarte e Abranches, 2005, p.11). Face às estruturas detectadas e aos materiais arqueológicos exumados, concluiu-se estar perante um bairro muçulmano de cronologia Almoadada, provavelmente destruído aquando da reconquista cristã (Duarte e Abranches, 2005, p.10), pelo que a entidade de tutela determinou a escavação de toda a área afectada ao projecto e a “conservação do local pelo registo”.

A segunda fase da intervenção decorreu sob a orientação do arqueólogo José Costa dos Santos (direcção de campo) e da arqueóloga Paula Barreira Abranches (coordenação pela Arqueo‘Estudos), tendo consistido na escavação integral da área afectada pelo complexo habitacional.

Silves na Véspera da Reconquista

É conhecida a delimitação urbana de Silves no século XIII. Desta época começam também a ser conhecidos alguns trechos do arrabalde devido a intervenções arqueológicas que ocorrem um pouco por toda a cidade, seja devido à construção de obras privadas (como no presente caso), obras públicas no âmbito do “*Projecto Polis*”, ou mesmo em construções

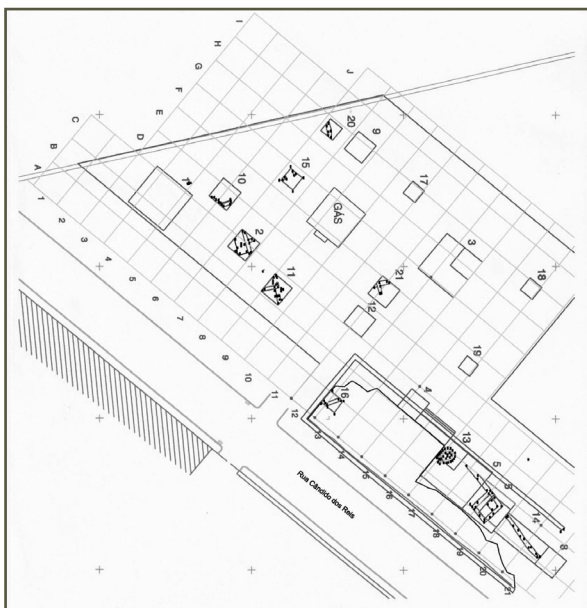


Fig. 2 – Planta e localização das sondagens

patrocinadas pelo Município de Silves (Gonçalves e Santos, 2003, p.177).

A escavação efectuada no gaveto das Ruas Cândido dos Reis e 1º de Maio, para além do vasto e importante conjunto de estruturas habitacionais identificadas e da grande quantidade de espólio recolhido, permite-nos ainda meditar sobre os limites da urbe no século XIII, especialmente o arrabalde da cidade nessa época. Quando analisamos o registo arqueológico, quando tomamos conhecimento de outras intervenções em locais não muito distantes deste espaço, parece-nos legítimo equacionar se não estaremos perante a raia da cidade, o local onde deixamos o casario e nos embrenhamos nas hortas e pomares que se estenderiam para lá dessa fronteira.

Ao analisarmos o espaço arqueológico do “*Empreendimento do Castelo*”, distinguimos claramente quatro áreas:

Uma faixa paralela à Rua 1º de Maio que é estéril do ponto de vista arqueológico e que marcará o limite da cidade (arrabalde incluído).

Uma segunda zona, que identificámos como de fruição comunitária, pelo tipo de estruturas, pela função que desempenhariam face à área residencial (que lhe está contígua) e pela inexistência de qualquer ligação a estruturas de uso privado (habitações). Pela importância de que se revestia, merece especial destaque uma construção destinada à captação e elevação de água que abasteceria uma parte significativa deste sector da cidade. Para além desta edificação, identificaram-se ainda uma estrutura de armazenamento desse precioso líquido (provavelmente um tanque), um forno e uma construção que ainda procuramos paralelos para a sua identificação.

A zona de implantação destas construções desenvolve-se numa área ampla, atapetada com calhaus rolados e areia compactada.

A terceira área localiza-se nas traseiras do primeiro bloco de habitações, sendo constituída por lixeiras contemporâneas da ocupação.

A última zona comporta as estruturas habitacionais e designámo-la por área residencial.

O Espaço de Implantação das Estruturas

São conhecidas as disposições legislativas relativamente à limpeza e deposição dos detritos das fossas. No início do século XII escrevia Ibn Abdun (Macias, 1996, p.67) que não seria permitido depositar os detritos das fossas no interior das cidades. Também devia ser ordenado aos moradores (referindo-se a Sevilha) dos arrabaldes, (Macias, 1996, p.67) a limpeza das lixeiras que haviam depositado nos seus espaços. Por razões que mais adiante procuraremos explicitar, a construção desta área da cidade terá ocorrido por volta dos finais do século XI ou inícios do século XII, quando Silves conheceu um período de grande prosperidade económica e social que culminou com a instalação de uma oficina monetária a partir de 1146 (Gomes e Gomes, 2001, p.38). Este

desenvolvimento determinará, sem dúvida, um aumento substancial da população e, em consequência, a absorção de espaços periféricos outrora ocupados com hortas e pomares, mas também áreas antes utilizadas como lixeiras.

De facto, uma área substancial da zona residencial encontra-se edificada sobre grandes depósitos de lixo. Abaixo do nível de implantação das paredes e pavimentos das habitações encontram-se soterradas pequenas, médias e grandes lixeiras contendo fragmentos de telha de meia cana, cerâmica comum e decorada (pintada), ossos e conchas de bivalves provenientes de restos de alimentação. Algumas destas depressões ainda estariam a ser utilizadas; o lixo não ocupa toda cova ou vala, tendo o espaço sido preenchido com recurso ao depósito de pedras de pequena e média dimensão, procedendo-se em seguida ao nivelamento de toda a área. Em resumo, as estruturas assentaram sob dois estratos distintos. Um sector, cronologicamente o primeiro a ser construído, assentou sobre um estrato arqueológico constituído por lixeiras, o segundo, assentou directamente sobre o estrato geológico.



Fig. 3 - Aspecto do estrato arqueológico

Área Comunitária

Para lá da área residencial (sentido NE) estende-se a zona comunitária. O recinto encontrava-se atapetado por uma grossa camada de cascalho, provavelmente proveniente da margem do Arade. Para além do nivelamento, este estrato teria a função de permitir uma melhor circulação em época de chuvas dada a plasticidade e impermeabilidade do solo. Em termos de artefactos, toda a zona se encontrava repleta de fragmentos de alcatruzes de nora provenientes da estrutura de captação e elevação de água aqui construída. Os



Fig. 4 – Alcatruz de nora

alcatruzes apresentam fundos de perfil cónico ou pontiagudo, as paredes são lisas ou com caneluras. A aludida estrutura de captação e elevação de água apresenta geometria rectangular

e está construída em alvenaria, com blocos aparelhados, ligados e revestidos com argamassa de cal e areia.

Apresenta quatro arcos, os de maior dimensão encontram-se a uma cota superior relativamente aos menores que correspondem à largura da estrutura. Localiza-se ao lado da Rua Cândido dos Reis, posicionando-se em diagonal relativamente àquela via. Face ao bom estado de conservação que apresentava foi decidido desviar a muralha de betão do empreendimento, de modo a deixar a estrutura no exterior.

A construção não foi integralmente escavada, tendo sido feito o levantamento georeferenciado até à cota

escavada, procedendo-se em seguida, à sua protecção e entulhamento. No futuro, o acesso poderá ser feito pela rua anteriormente mencionada.

Para NE, ao lado desta construção, foi detectada uma estrutura provavelmente relacionada com o armazenamento de água. Apresenta planta rectangular com o fundo construído com uma espessa camada de argamassa de cal e areia. As paredes também se encontravam ligadas e revestidas com esta argamassa, tornando, deste modo, a estrutura absolutamente estanque.

Completam o espólio estrutural desta área, um forno para cozer pão e uma edificação com aparelho constituído por grés de Silves, cuja funcionalidade ainda se encontra em fase de discussão. Uma rua com a direcção SO/NE, provavelmente de saída, delimita esta zona das traseiras das primeiras habitações da área residencial.

Área Residencial

Da totalidade da área intervencionada a zona residencial apresentará cerca de 75%. Com excepção das casas que se localizavam do lado direito da via (sentido SE/NO) todas as restantes, com maior ou menor expressão foram construídas sobre contextos de lixeiras previamente tratadas. Esta preparação terá consistido no enterramento e aplanagem do espaço com vista à construção das estruturas habitacionais



Fig. 5 - Estrutura de captação e elevação de água. Aspecto do arco maior

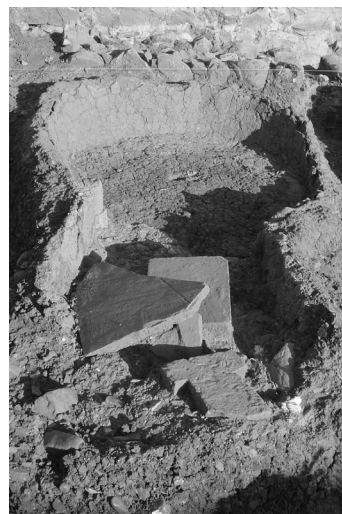


Fig. 6 - Forno

e demais infra-estruturas urbanas.

Ainda não se encontram suficientemente tratados e analisados os dados recolhidos em campo para que se possa atribuir uma cronologia para a construção deste sector da cidade.

Numa primeira e sumariíssima análise, parece-nos que a edificação poderá ter ocorrido por volta dos finais do século XI (limite mais antigo) e meados do século XII (limite mais recente), correspondendo a um período de expansão urbana, determinado pelo desenvolvimento económico e social verificado nessa época. A ocupação da área ter-se-á prolongado até uma época bastante próxima da reconquista cristã, como nos indica o abundante espólio cerâmico de tipologia almóada exumado dos níveis de ocupação das habitações.



Fig. 7 - Aspecto derrube de telhado sobre pavimento de um pátio

Os telhados caídos sobre os pavimentos denunciam um abandono e um processo de ruína bastante rápido, situação também observada no Bairro Islâmico de Mértola (Macias, 1996, p.56). A queda repentina das coberturas, ou parte delas, esmagou e fragmentou os recipientes deixados sobre os pavimentos. Esta situação fica a dever-se, sem dúvida, à inexistência de uma camada de abandono susceptível de amortecer a queda e manter intactos os artefactos abandonados.

Deste modo, parece-nos que a fase de abandono decorre durante um período bastante rápido, enquanto a fase de degradação parece configurar uma situação bastante prolongada. As camadas de derrube intercalam-se com finos e quase imperceptíveis estratos de terra, evidenciando, deste modo, uma série de derrubes espaçados no tempo até ao colapso final.

Após a reconquista cristã, com a regressão demográfica e naturalmente também urbana, a área fica ao abandono, apenas voltando a ser ocupada nos finais do século XIX com a construção das instalações industriais da denominada “Fábrica do Inglês”.

A Malha Urbana e a Rede Viária

A rede viária identificada na área intervencionada organiza-se segundo um esquema rectilíneo com orientação SE/NO, com excepção de uma rua escavada no sector IV que parece inflectir para SO. A principal artéria que estrutura esta zona corta toda a área escavada. É perpendicular à actual Rua Cândido Reis e dirige-se para NO, no sentido do espaço ac-



Fig. 8 – Aspecto da via, paredes das fachadas, degraus e fossas

tualmente ocupado pelo parque de estacionamento dos blocos habitacionais localizados na Rua 1º de Maio. A via com cerca 40 metros de extensão apresenta uma largura entre 3,65/3,75 metros. Na última fase de vida desta zona habitacional, parece ter perdido importância, a avaliar pela construção de prolongamentos de paredes de algumas habitações. Ainda que não obstruindo totalmente a rua e continuando a permitir a passagem pedonal, estes acrescentos dificilmente possibilitariam outros tipos de trânsito.

A rua de saída para NE, perpendicular à Rua 1º Maio possui, em termos de extensão, cerca de 30 metros e apresenta largura entre 1,60/1,70 metros. É delimitada por dois muros que a individualizam face à área comunitária (para SE) e da zona de lixeiras contemporâneas da ocupação do espaço para NO. As restantes artérias, localizadas no interior do núcleo urbano apresentam larguras entre 1,55/1,70 metros. Em termos de extensão, a rede viária rondará cerca de 120 metros na área alvo de intervenção arqueológica.



Fig. 9 – Aspecto de rua do interior do aglomerado habitacional

A via e restantes ruas apresentam um modelo uniforme de pavimentação. A utilização de terra batida numa primeira fase poderá ter gerado alguns problemas em termos de circulação. Com o decorrer do tempo, com a circulação pedonal e a própria erosão, as artérias tornaram-se côncavas, com acentuado desnível no centro face às paredes exteriores das habitações que as ladeavam. Quando as ruas deixaram de apresentar condições mínimas de segurança para a circulação sofreram obras de beneficiação que se traduziram no entulhamento com pedras de pequena e média dimensão.

Noutros casos, as depressões foram utilizadas para deposição de lixos, sendo depois todo o conjunto nivelado com recurso à deposição e compactação de calhaus rolados e areia, provavelmente transportada da margem do Rio de Arade que não ficava longe desta área. Este tipo de pavimento também foi registado na intervenção arqueológica realizada aquando da construção da Biblioteca Municipal de Silves (Gonçalves e Santos, 2003, p.188).

A forma como este sector da cidade se encontra concebido e estruturado, foge à caracterização que tem vindo a ser formulada relativamente ao urbanismo muçulmano, tantas vezes apontado como desorganizado e sem qualquer tipo de planeamento. Para além da preocupação em dotar a zona com uma área de cariz nitidamente comunitário, também assistimos a um exemplar ordenamento de ruas, casas, fossas, drenagem de águas pluviais e domésticas. A construção de todas estas estruturas não é concebível sem a elaboração de um plano e de um poder político forte, susceptível de definir uma malha urbana com espaços de fruição pública e particular, rede viária, sistemas de saneamento e de drenagem de águas.

Sistemas de Saneamento

Identificaram-se três sistemas de saneamento. Um caracterizado pelo conjunto latrina e fossa com a respectiva canalização através da parede da fachada da habitação. Esta situação apenas se aplica para as casas que se encontram directamente em contacto com a rua. Para as restantes, o contacto da latrina com a fossa (rua), é efectuado através de uma conduta que no seu trajecto poderá incluir uma ou duas habitações que ficam de permeio.



Fig. 10 – Conduta (casas 6, 7 e 9)

Um segundo sistema era destinado a retirar as águas domésticas do interior das habitações para as ruas através das paredes das fachadas.

Por último, um sistema de canalizações para escoamento de águas pluviais. Localizava-se no espaço compreendido entre as paredes exteriores das casas (cerca de 0,50/0,60 metros) e tinha por função acolher as águas dos beirados, conduzindo-as de seguida (por desnível) para a rua. A inexistência destas canalizações poderia causar graves problemas na base das paredes das habitações, as quais, como iremos verificar, estavam desprovidas de qualquer cabouco.

tência destas canalizações poderia causar graves problemas na base das paredes das habitações, as quais, como iremos verificar, estavam desprovidas de qualquer cabouco.



Fig. 11 – Fossa em fase desmontagem e canalização

Em termos construtivos e de funcionalidade, fazemos distinção entre conduta e canalização. A primeira é integralmente construída (fundo, superfícies laterais e cobertura) com lajes (grés de Silves) e tinha por função transportar os detritos de uma latrina para uma fossa localizada no exterior (rua). Nas canalizações, utilizaram-se telhas de meia cana e coberturas de lajes (grés de Silves). Destinavam-se a conduzir as águas provenientes das áreas de banho ou das actividades domésticas para a rua não se encontrando ligadas a qualquer fossa.

Estruturas Habitacionais

Foram identificadas dezasseis casas, das quais oito permitem a visualização total da sua área. Para além destes dois conjuntos, assinalam-se outras construções pela identificação de soleiras, pátios ou outros compartimentos. Estas casas não foram integralmente escavadas devido à sua planta se desenvolver para fora da área afectada ao empreendimento.



Fig. 12 – Panorâmica geral da casa 3

É comum a todas as casas deste núcleo a existência de um compartimento lajeado, que doravante designaremos por pátio.

No núcleo escavado reconhecemos dois tipos de pátios. O mais comum é constituído por um espaço amplo, pavimentado com lajes de média e grande dimensão (grés de Silves). Para além deste modelo, identificámos alguns pátios que encerram na zona central uma estrutura rectangular. As paredes destas construções apresentam um aparelho

constituído por pedra miúda e fragmentos de telha de meia



Fig. 13 – Vista parcial da casa 1



Fig. 14 – Vista parcial da casa 8

cana ligados por argamassa de cal e areia. A inexistência de canalizações para transporte de água para estes espaços e a falta de impermeabilização do fundo, afasta a hipótese de estarmos perante um pequeno lago mais consentâneo com habitações apalaçadas. Assim sendo, parece-nos razoável apontar como finalidade destes espaços a plantação de um pequeno jardim ou um pequeno canteiro de ervas aromáticas, como é sugerido para espaços idênticos escavados no Bairro Islâmico de Mértola (Macias, 1996, p.85). O acesso ao pátio é feito directamente da rua, ou através de um salão rectangular que ocupa todo o comprimento correspondente à fachada.

No total das habitações escavadas esta é a regra, porém, numa das casas, o acesso ao seu interior parece ser feito através de um corredor lateral lajeado. Não foi possível confirmar esta situação particular devido às destruições efectuadas no local com a implantação de valas de água e gás e a casa não ter sido integralmente escavada.

Do pátio acedia-se a todas as dependências da casa: a um salão rectangular que acompanha todo o comprimento da habitação, cozinha, armazém e latrina.

São casas modestas em termos de elementos arquitectónicos e em termos de área ocupada (55/80m²).

Todas as construções seriam de piso térreo. Temos algumas dúvidas relativamente à casa Nº2. Nesta construção foi escavada e identificada uma escada que conduz a uma pequena plataforma lajeada, onde se podia localizar uma escada

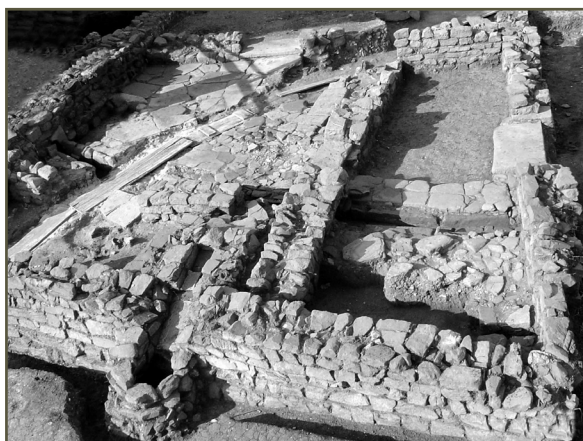


Fig. 15 – Panorâmica geral da casa 7

de madeira para acesso a um piso superior. Da análise efectuada às paredes-mestras, verificámos não existir qualquer reforço relativamente às paredes das restantes habitações, susceptível de suportar um outro piso. Poderá tratar-se de um poial ou a construção encerrar uma funcionalidade que até ao momento desconhecemos.

Espaços, Arquitectura e Funcionalidades

A escavação desta área da cidade de Silves assume especial importância para o cabal conhecimento dos arrabaldes das cidades islâmicas nas vésperas da reconquista cristã. A área intervencionada, o vasto conjunto de estruturas habitacionais, as infra-estruturas (saneamento e vias de comunicação), os espaços de fruição pública e o vasto conjunto de artefactos recolhidos, permitem-nos uma visualização alargada da vida quotidiana dos moradores deste sector das cidades islâmicas no século XIII.



Fig. 16 – Derrube sobre pavimento de um pátio

Como já anteriormente deixámos transparecer, as habitações organizam-se em torno de um pátio, como é normal no mundo muçulmano, podendo tomar a forma de L ou de U (Catarino, 1997/98, p.723), com uma cozinha, ao lado, uma sala que poderá ter servido de armazém, a alcova com disposição lateral e a latrina.

A análise estratigráfica evidencia que nem todos os pátios seriam abertos. A espessa camada de telha que se abateu sobre as lajes do pavimento não deixa dúvidas quanto à sua cobertura. Outros não apresentam esses derrubes e encontram-se apetrechados para escoar a água das chuvas para

o exterior. Perante esta evidência, é de crer terem coexistido pátios abertos e pátios com cobertura total ou parcial.

Da rua acedia-se directamente ao pátio ou a um salão que ocupava todo o comprimento da casa.

Tendo presente as tipologias, técnicas de construção, revestimentos, pavimentos e áreas ocupadas afigura-se-nos estar em presença de uma população pertencente a um estrato social e económico baixo. De facto, não existem materiais nobres, como o mármore ou mesmo ladrilhos. A construção e os acabamentos mantêm grande uniformidade, pautando-se por soluções muito simples e económicas.

Numa ou noutra casa notam-se algumas reconstruções ou melhoramentos, bem como adaptações a novas funcionalidades.

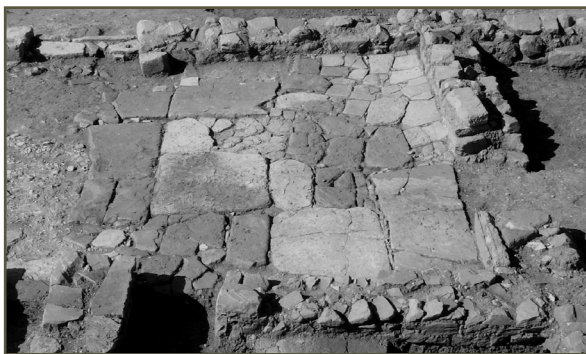


Fig. 17 – Pátio, porta exterior e interiores da casa 2

Uma última nota prende-se com o sistema viário e da sua relação ou interligação com os espaços habitacionais. Ao contrário daquilo que foi observado noutros locais (com as casas a localizarem-se ao fundo de becos sem saída), aqui as habitações ladeiam as ruas com paredes comuns a demarcar o espaço ocupado por cada uma delas. Os espaços privados (ou quase) como são os becos praticamente não existem, pelo contrário, existe uma relação directa da casa com a rua enquanto lugar público.

Técnicas e Materiais de Construção

Relativamente às técnicas utilizadas na construção das habitações, desde logo ressalta à vista a inexistência de caboucos para implantação das paredes. Na construção foi utilizada pedra, com predomínio do grés vermelho de Silves embora também fosse utilizado calcário branco. Para além da pedra também se recorreu à taipa, não sendo possível estabelecer a altura a que esta se erguia na parede. Existiam estruturas com quatro, cinco, oito e nove fiadas de pedras,



Fig. 18 – Parede com aparelho misto

as quais devido aos derrubes verificados não apresentavam indícios do arranque da taipa.

O aparelho utilizado é de pequeno e médio porte. Regra geral, os blocos foram colocados em camadas horizontais, com as faces de maior dimensão viradas para o exterior. O enchimento interno é feito com recurso aos desperdícios da pedra e fragmentos de telha, sendo o ligante constituído por terra do local.

A largura das paredes exteriores ronda os 0,45/0,52 metros, encontrando-se dentro dos parâmetros observados nas habitações escavadas no Bairro Islâmico da Alcáçova em Mértola, com 0,45/0,50 metros de largura (Macias, 1996, p.75) e o observado em Alcoutim, cujas espessuras observadas se encontram entre os 0,47/0,48 e os 0,50 metros (Catarino, 1997/98, p.721).



Fig. 19 – Parede com aparelho em espinha

As habitações localizadas do lado direito da via (sentido SE/NO) possuem paredes laterais comuns (paredes meias). Nas traseiras destas casas amontoava-se grande quantidade de lixo: fragmentos de cerâmica, ossos, bivalves, etc.. No quarteirão situado no lado oposto, a organização do espaço é idêntica, existindo, contudo, duas fiadas de casas. Aqui as paredes também são comuns, mas as habitações dispõem-se de acordo com as ruas. Entre uma fiada e outra existe um espaço de cerca de 0,50/0,55 metros onde se localizava uma conduta para transporte das águas pluviais para a rua.

Pavimentos



Fig. 20 – Pormenor do lajeado de um pátio

Dos diversos elementos que nos ajudam a caracterizar o ambiente económico e social de uma habitação, bairro, ou determinado espaço de uma cidade, assume especial importância a análise dos materiais utilizados nas construções. No caso concreto, em nenhuma das casas escavadas se revelou a existência de componentes considerados luxuosos. Não existe mármore nem azulejos, quando muito, uma ou outra divisão com pavimento de argamassa de cal e areia misturada com pequenos calhaus

rolados. São inexistentes os motivos arquitectónicos próprios das áreas palatinas, como colunas e estuques decorados ou pintados. Todos os pátios apresentam pavimentos lajeados com grés vermelho da região. Com raras excepções, estes pisos apresentam-se bastante degradados o que pode denotar falta de capacidade económica para a realização de obras de reparação ou configurar um estado de pré-abandono do espaço.

Nas habitações que possuíam um salão de entrada, o pavimento (total ou parcial) com lajes (grés de Silves) parece também ter sido a solução adoptada. Para além deste tipo de pavimento, identificámos um salão (alcova) com piso de argamassa de cal e areia com mistura de pequenos calhaus rolados. Todas as restantes divisões das habitações, com as excepções atrás referidas, apresentam pisos de terra.

Coberturas

A cobertura destas casas terá obedecido às técnicas ainda hoje presentes na região. Colocação da trave, barrotes e uma malha de canas sobre a qual se dispunham as telhas. Alguns telhados seriam virados para o interior (pátio), enquanto outros se inclinavam para o exterior. Assim parece indiciar as condutas existentes entre as paredes exteriores das casas. As telhas que compunham os telhados das casas desta área da cidade não apresentam grandes variações. São telhas de canudo sem qualquer motivo decorativo, apresentando quando muito, alguns traços digitalizados longitudinalmente ou ligeiramente ondulados. As pastas, com raras excepções, apresentam cores alaranjadas.

As Entradas

A entrada para as habitações fazia-se directamente da rua, com recurso a um degrau ou a um balcão contendo um ou dois degraus. Todas as entradas estavam providas de uma ou duas lajes dispostas na vertical. A disposição destas lajes poderá estar relacionada com uma dupla função. Por um lado, proteger o interior das habitações do perigo de inundações, por outro servir de batente às portas duplas que se abriam para o interior.

Nas casas com construção mais cuidada as soleiras apre-



Fig. 21 – Soleira (vista do exterior da habitação)



Fig. 22 – Soleira (vista do interior da habitação)

sentam-se com uma única laje, ostentando nos topos dois orifícios para deposição dos gonços das portas (porta dupla). Nas restantes construções, a soleira é formada por diversas lajes, estando as dos topos providas

de orifícios para os fins atrás mencionados. Em qualquer dos casos, a largura da entrada não excede os 0,96 metros.

As entradas eram locais privilegiados para a colocação simbólica de objectos com o objectivo de proteger os moradores e a própria casa de espíritos nocivos. Assim interpretamos a deposição de pequenos recipientes de cerâmica, com o gargalo invertido, imediatamente a seguir à soleira da porta, por baixo da primeira laje (quando esta existe), ou entre algumas pedras nos pavimentos de terra.



Fig. 23 – Objecto cerâmica colocado junto soleira

As Latrinas



Fig. 24 - Latrina, fossa e espaço para banho

As latrinas constituem um dos sinais mais evidentes do “requinte” da civilização islâmica. Na área alvo da nossa intervenção, tivemos a oportunidade de verificar que praticamente todas as habitações estavam dotadas com sistemas

de saneamento, que incluíam estas instalações e as fossas que lhe estavam directamente associadas.

A latrina posiciona-se sempre a uma cota superior ao pavimento do pátio, de onde se lhe acedia através de um, dois, ou três degraus. Localiza-se junto da parede da fachada de modo a diminuir a distância para a fossa que se encontra no exterior. Apresenta forma rectangular e é coroada por uma laje que contém uma fenda também com esse formato. De acordo com o procedimento de Maomé, os utilizadores da latrina dada a reduzida largura da fenda eram obrigados a baixarem-se em todas as eventualidades. Na fase de des-

montagem destas estruturas, podemos verificar que depois de retirada a laje se abria uma conduta, em plano inclinado, que conduzia os detritos através da parede da fachada para a fossa que lhe estava em frente.

A natureza do solo onde estas fossas construídas não era propícia a uma boa drenagem. Esta situação particular terá causado graves problemas aos seus detentores, com transbordos e derramamentos nas ruas, como nos indica o registo arqueológico de alguns desses locais.



Fig. 25 – Fossa (corte)

Estruturas de Combustão



Fig. 26 – Compartimento com duas lareiras



Fig. 27 – Compartimento com duas lareiras



Fig. 28 – Base de lareira

identificável pela existência de uma pequena mancha de cinza rodeada de uma ou duas pedras. O modelo mais representado, corresponde a uma base de fragmentos de telha que pode também incluir alguns fragmentos de cerâmica de uso comum. Sobre esta base pode ter sido disposta uma camada barro sobre a qual se acendia o fogo, ou este ser aceso directamente sobre os fragmentos de telha.

Numa das casas escavadas foi identificado um outro tipo de

estrutura de combustão. Trata-se de uma estrutura circular aberta no solo, apresentando o fundo forrado com calhaus rolados. Este tipo também se encontra representado na Alcaria Longa (Catarino, 1997/98, p.727) e a sua função parece estar mais ligada à cozedura de pão do que propriamente a lareira.



Fig. 29 – Estrutura de combustão (forno)

Estruturas para Armazenamento de Alimentos

Os alimentos, especialmente os cereais, eram guardados em recipientes de cerâmica, em silos subterrâneos escavados no interior das habitações, ou em espaços comunitários localizados no exterior das estruturas habitacionais.

Em termos gerais, os silos obedeciam ao mesmo tipo de construção. São fossas cavadas no solo ou no afloramento rochoso, com perfil semicircular ou ovóide, podendo atingir mais de dois metros de profundidade. A utilização destas estruturas negativas remonta aos primeiros séculos altomedievais (Catarino, 1997/98, p.736). Além de serem pouco dispendiosos em termos de construção, mantinham os roedores afastados e permitiam uma melhor conservação dos alimentos (Lopes e Ramalho, 2001, p.37), devido à estabilidade da temperatura no interior.

Na área intervencionada todas as habitações estavam dotadas com uma destas estruturas. Possuíam entre 1,20 e 1,40 metros de altura e formato ligeiramente ovóide. Uma percentagem significativa destes silos localizava-se num dos cantos do salão (alcova), tendo sido abandonados e entulhados antes da Reconquista Cristã.



Fig. 30 – Silo (boca)



Fig. 31 – Silo (corte)



Fig. 32 – Silo integralmente escavado

Materiais Arqueológicos

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos nos terrenos do “*Empreendimento do Castelo*” proporcionaram, ainda, a recolha de vasto e importante espólio, traduzido na exumação de cerca de 150.000 artefactos. Este vastíssimo conjunto provém essencialmente de dois estratos: da camada correspondente à ocupação das estruturas habitacionais e das infra-estruturas que lhes estão associadas e da camada correspondente às lixeiras, que se encontravam abaixo do nível de implantação dessas habitações.



Fig. 33 – Cabo de roca

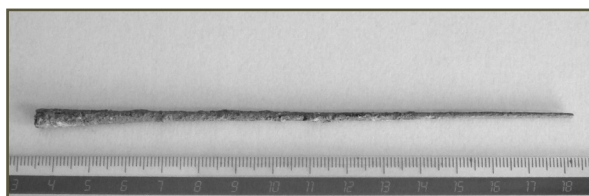


Fig. 34 – Ponta de fuso



Fig. 35 – Cerâmica vidrada (melado) com decoração a manganês



Fig. 36 – Cerâmica vidrada com decoração estampilhada



Fig. 37 – Faca

Relativamente ao estrato que corresponde ao período de ocupação das estruturas habitacionais, foi recolhido um vasto espólio utilizado nas tarefas domésticas de fiação, como torres ou cabos de roca, agulhas, pontas de fuso e cossoiros.

Relacionadas com a conservação de alimentos, recolheram-se inúmeros fragmentos de talhas de cronologia almóada. Para além da louça de cozinha, de transporte e depósito de água, as formas relacionadas com a louça de mesa e de consumo alimentar também se encontra amplamente representadas, ao nível dos vidrados melados com decoração a óxido de manganês, os vidrados esverdeados, os estampilhados sobre vidrados e os esgrafitados.

Refira-se ainda a exumação de grande quantidade de peças de jogo, metais diversos e restos de alimentação.

Conclusões

A escavação arqueológica realizada no terreno do “*Empreendimento do Castelo*” proporcionou um conjunto de dados de inegável interesse, não só para o conhecimento da periferia de Silves na véspera da Reconquista Cristã, mas, num âmbito mais lato, para o estudo dos arrabaldes das cidades islâmicas, em especial no que se refere ao seu último período de vida.

Permitiu ainda aferir a continuidade das estruturas para NO, para a área onde actualmente se localiza o parque de estacionamento do complexo habitacional da Rua 1º de Maio, também para Oeste, para a zona onde hoje se encontram alguns barracões, oficinas e casas de habitação e, finalmente, para NE e SE no sentido da Rua Cândido dos Reis e do conjunto de edifícios designado por “*Fábrica do Inglês*”.

Em relação à área intervencionada, no estado actual do nosso estudo é possível concluir que estamos perante um espaço concebido de raiz, que implicou obras de preparação do terreno, implantação de complexos sistemas de saneamento, delineamento de uma rede viária e construção de estruturas habitacionais perfeitamente integradas nessa malha.

A concepção deste espaço teve ainda presente a necessidade de proporcionar aos moradores deste sector da cidade, uma área de fruição pública com a construção de infra-estruturas capazes de satisfazer necessidades básicas do quotidiano da população, como é o caso do abastecimento e da retenção desse elemento essencial à vida que é a água.

As habitações, em termos globais, apresentam características comuns ao nível dos aparelhos e das técnicas utilizadas na construção, na disposição espacial em torno de um pátio que pode ou não abrir-se directamente para a rua, no número e na disposição dos compartimentos.

A partir desta análise, podemos concluir que esta área da cidade foi edificada em períodos de tempo não muito distantes entre si para instalar uma população que, em termos sociais e económicos, apresentaria bastante homogeneidade.

Não sendo uma conclusão definitiva, os elementos analisados até ao momento apontam para uma ocupação que remontará aos finais do século XI, inícios do século XII, correspondendo a um período de forte crescimento económico da cidade. Este incremento poderá ter determinado um aumento substancial da população e, em consequência, um crescimento urbano para zonas periféricas anteriormente ocupadas com hortas e pomares, mas também com áreas de depósito de lixo provenientes da cidade.

A inexistência de elementos indicativos de um abandono precipitado do espaço, permite-nos pensar naquilo que, na actualidade e numa situação idêntica (guerra) designamos por evacuação.

Podemos considerar que o processo de abandono terá sido rápido, mas susceptível da população recolher e levar muitos dos seus pertences. Entre esta fase e o primeiro colapso das estruturas não decorreu muito tempo. O primeiro derrube cai directamente sobre as peças abandonadas sobre os pavimentos provocando a sua fragmentação e dispersão, salvo aquelas que se encontravam junto das paredes. A partir daqui a degradação das estruturas é lenta; existem vários derrubes intercalados por finas camadas de terra até ocorrer o colapso final de toda a estrutura.

Com a Reconquista Cristã o espaço não é ocupado. A regressão demográfica que se verifica determina também o recuo da área urbana. Terão decorrido vários séculos até o local voltar a ser absorvido, primeiro com a instalação de uma unidade industrial (Fábrica do Inglês), nos finais do século XIX e, cerca de um século depois, com a construção do complexo habitacional denominado “*Empreendimento do Castelo*”.

Bibliografia

- CATARINO, Helena, 1997/98
Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé, Nº6 Volume 2, Ed. Câmara Municipal de Loulé, pp.721, 723, 727, 736
 COELHO, Borges, 1972/73
Portugal na Espanha Árabe, Ed. Seara Nova, Lisboa
 DUARTE, Cláudia Maria Cardoso, ABRANCHES, Paula Barreira, 2005
Sondagens Arqueológicas de avaliação no local a implementar o «Empreendimento do Castelo», Silves, Relatório Preliminar, Relatório dactilografado, IPA/Archeo'Estudos, pp. 10, 11

GOMES, Mário Varela, 1995

Cerâmicas islâmicas do poço da Hortinhola (Moncarapacho, Olhão), in Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval, métodos e resultados para o seu estudo, (Coordenação de DIOGO, João Manuel e ABRAÇOS, Hélder Chila) Ed. Câmara Municipal de Tondela

GOMES, Rosa Varela, 1995

Contributo para o estudo das cerâmicas com decoração a «verde e castanho» de Silves, in Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval, métodos e resultados para o seu estudo, (Coordenação de DIOGO, João Manuel e ABRAÇOS, Hélder Chila) Ed. Câmara Municipal de Tondela

GOMES, Rosa Varela, GOMES, Mário Varela, 2001

Palácio Almoadá da Alcáçova de Silves, Ed. Museu Nacional de Arqueologia, p.38

GOMES, Rosa Varela, 2002

Silves (Xelb), Uma cidade do Gharb Al-Andalus: território e cultura, Trabalhos de Arqueologia, 23, Instituto Português de Arqueologia

GOMES, Rosa Varela, 2003

Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus: a Alcáçova, Trabalhos de Arqueologia 35, Ed. Ministério da Cultura e Instituto Português de Arqueologia

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, 1995

A Cerâmica de Verde e Manganês do Castro da Cola (Ourique), in Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval, métodos e resultados para o seu estudo, (Coordenação de DIOGO, João Manuel e ABRAÇOS, Hélder Chila) Ed. Câmara Municipal de Tondela

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, 2002

Cerâmica em corda seca de Mértola, Ed. Campo Arqueológico de Mértola

GONÇALVES, Maria José, SANTOS, Ana Luísa, 2005

Novos Testemunhos do Sistema Defensivo Islâmico de Silves e os Restos Osteológicos Humanos encontrados junto à Muralha de um Arrabalde – Notícia Preliminar, in “XELB5” (Coordenação Editorial de GONÇALVES, Maria José) Actas do 2º Encontro de Arqueologia do Algarve, pp. 177, 178

LOPES, Carla do Carmo, RAMALHO, Maria M. B. de Magalhães, 2001

Presença Islâmica no Convento de S. Francisco de Santarém, In GARB, Sítios Islâmicos do Sul Peninsular, Ed. Ministério da Cultura, Departamento de Estudos do IPPAR/DE e Junta da Extremadura – Consejería de Cultura, p.37

LOPES, João Baptista da Silva, 1999

A Cidade de Silves num itinerário naval do século XII por um cruzado anónimo, Ed. Távola Redonda

MACÍAS, Santiago, 1992

Silos 4 e 5 de Mértola – uma proposta de datação do espólio cerâmico, in Arqueologia Medieval, vol. 1

MACÍAS, Santiago, 1996

Mértola Islâmica, Estudo Histórico-Arqueológico do Bairro da Alcáçova (Séculos XII-XIII), Ed. Campo Arqueológico de Mértola, pp.56, 67, 75, 85

MATOS, José Luís de, 1997

O Período Islâmico no Cerro da Vila, in Noventa séculos entre a terra e o mar, Ed. Instituto Português do Património Arquitectónico

PAULO, Dália,
A Casa Islâmica, Ed. Câmara Municipal de Faro, Museu Arqueológico Municipal
TORRES, Cláudio, 1992
Povoamento antigo no Baixo Alentejo. Alguns problemas de topografia histórica, in *Arqueologia Medieval* Nº1,
TORRES, Cláudio, 1993
O Garb al-Andalus, in “História de Portugal” (dir. de MATTOSO, José), vol. I, Lisboa, Círculo de Leitores
TORRES, Cláudio, 1997
OAL GARBE, in *Noventa séculos entre a terra e o mar*, Ed. Instituto Português do Património Arquitectónico